

'É rir, rir, tendo consciência da tragédia'

Isabel Lucas

Henriette, a irmã, saíra para as compras e tocava agora à campainha pedindo ajuda para as carregar. Em casa, Mário, o irmão, conversava com João Grosso sobre um recital que o actor estava a preparar com poesias suas. "Desci, trouxe os sacos e no fim o Mário obrigou-me a receber uma gorjeta de dois euros", recorda o ex-programador do Teatro Nacional D. Maria II que, em 2002, teve a ideia de levar ao palco a única peça de teatro escrita por Mário Cesariny de Vasconcelos. O mesmo Cesariny que naquele dia lhe disse: "Vá, aceite. Por graça."

João Grosso recorda o episódio para descrever um carácter "insubstituível". Pela "perspicácia, inteligência, acuidade, capacidade de análise social e política", qualidades que o fizeram levar, ao D. Maria, Um Auto para Jerusalém. "Achei importante. Era a única peça de um homem e autor singular", acrescenta o actor que, respondendo na época à pergunta sobre se o espectáculo seria bom, disse: "É uma farsa farsalhona." Que significava isso, afinal? "É rir, rir tendo consciência da tragédia."

Nuno Carinhas foi o encenador. Conheceu o poeta em casa, num encontro com todo o elenco. "Estava muito afável e elogiava a beleza das pessoas. Era muito sensível a esse lado", lembrou ontem ao DN. "Deu conselhos sobre como deveriam ser as personagens, como o ambiente devia ser visto, mas sem nunca impor nada", sublinha, por sua vez, João Grosso, chamando a atenção para umas "generosidade e humildade" também salientadas por Maria Emília Correia, a actriz responsável por dois espectáculos a partir de poemas de Cesariny: O Navio de Espelhos e O Gato que Chove. "Quando lhe disse que precisava de um fio condutor para a apresentação do espectáculo, ele, para minha surpresa, respondeu: 'Poesia é poesia. Teatro é teatro. Isso é lá contigo.'"

Seguiram-se, num caso e noutra, muitas reuniões, sempre em casa de Cesariny, com todo o elenco e acompanhadas por um martini numa garrafa "cheia de pó" que pedia a Henriette para trazer. "Era um imperador sentado na sua cama e nós humildes súbditos a sentirmo-nos príncipes. Contava mil histórias, sem nunca falar muito de si. Falava do mundo, das revoluções. Seduzia- -nos", conclui a actriz que lhe conhecia o prazer pelo passeio e "lá o levava" até ao Tejo, ao Guincho, à Serra de Sintra e ao Monte da Lua. "Servia para me instruir sobre o espectáculo, mas sem nunca interferir nas minhas soluções. Estou-lhe grata para sempre", reconhece.

E lembra-o quando dizia, ao assistir aos ensaios, "que tudo era uma loucura, encantado", lamentando "não ter menos idade e mais saúde." Também Nuno Carinhas não esquece o dia da estreia de Um Auto para Jerusalém. "Foi a euforia absoluta. Fez uma espécie de performance junto do grande madeiro instalado no foyer, com gestos sacrílegos mas ao mesmo tempo cordiais."

Era Cesariny. Autor indignado por saber que o seu espectáculo não passava todos os dias no D. Maria, como recorda ainda Nuno Carinhas. E escritor de quem Rodrigo Leão musicou poemas no disco Os Poetas - Entre nós e as palavras. Foi em 1996. Outro trabalho que classifica de "totalmente livre". O músico já o lera. Tinha-o como um dos favoritos. Conhecia a música da sua poética que define como de "muito ritmo"; uma música "de cidade, das pessoas".

(Diário de Notícias, Lisboa, 27 Nov. 2006)